

HISTÓRIA DO MOBILIÁRIO: ANTIGA GRÉCIA

Fátima Regina Sans Martini¹

DOI: 10.5752/P.2316-1752.2021v28n42p60-101

Resumo

Este artigo trata da história do mobiliário, especificamente da Antiga Grécia. Analisa as características formais, segundo imagens presentes nos acervos museológicos, e indica a importância do estudo do mobiliário, o qual se adapta aos padrões e às necessidades da sociedade ao longo de diferentes períodos históricos e artísticos. O mobiliário elaborado com conforto e beleza é resultado da mente criativa do designer, apoiada em conhecimento teórico, gosto e sensibilidade, mediante à experiência técnica e prática.

Palavras-chave: Mobiliário. *Design*. Antiga Grécia.

¹Mestre em Artes Visuais com Abordagens Teóricas, Históricas e Culturais pela UNESP. Pós-graduação em História da Arte pela FAAP-SP. Professor das disciplinas de Estética e História da Arte Mundial e Brasileira no Curso de Artes da Unimes, Universidade Metropolitana de Santos, SP. E-mail: fatimartini@yahoo.com.br

Abstract

This article deals with the history of furniture, specifically of Ancient Greece. Parses the formal characteristics, according to images present in museum collections and indicates the importance of the study of furniture, which adapts to the standards and needs of society throughout different historical and artistic periods. The furniture made with comfort and beauty is the result of the creative mind of the designer, based on theoretical knowledge, taste and sensitivity, by technical and practical experience.

Keywords: Furniture. Design. Ancient Greece.

Resumen

Este artículo trata sobre la historia de los muebles, específicamente de la Antigua Grecia. Analiza las características formales, de acuerdo a imágenes presentes en colecciones de Museo e indica la importancia del estudio de los muebles, que se adapta a los estándares y las necesidades de la sociedad a lo largo de diferentes períodos históricos y artísticos. Los muebles hechos con confort y belleza son el resultado de la mente creativa del diseñador, en base a conocimientos teóricos, gusto y sensibilidad, por la experiencia técnica y práctica.

Palabras clave: Muebles. Diseño. Antigua Grecia.

Introdução

Para a apreciação do leigo é desnecessário conhecer o período ou estilo do mobiliário, aplicado na decoração de interiores. Basta que estejam dispostos de forma equilibrada, seja no espaço, seja nas tonalidades. No entanto, para o profissional em design de interiores, a importância no reconhecimento dos estilos de mobiliário, ao longo do tempo, é primordial, seja na aplicação dos móveis, seja no conhecimento da história para o seu devido aprimoramento e desenvolvimento no que se considera como gosto e significado artístico. Pode-se dizer que é impossível compreender os novos conceitos sem conhecer a produção e o processo criativo dos homens ao longo da história.

Percebe-se, no decorrer da história do mobiliário, que o caráter estético se desenvolve segundo o aprimoramento e as descobertas de novas técnicas de produção e emprego de novos materiais, surgindo, portanto, novos estilos, os quais acompanham a evolução artística de cada civilização, com suas necessidades pessoais e habitacionais, nos mais diferentes territórios e climas regionais. Dessa forma, o design se adapta e se integra aos movimentos artísticos e à modernidade. Foi essa evolução que permitiu o surgimento do que se determina, atualmente, de tendências.

A valorização do profissional na área de design de interiores passa pelo conhecimento e atualização das tendências, segundo os mais diferentes estilos históricos e artísticos desde a Antiguidade até passar pelo auge da descoberta do amplo conforto a partir dos séculos XVII e XVIII. Ampla e

profunda, a arte e sua história têm ligações com o sentimento dos artistas que criam esse universo de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes, os quais resultam em experiência e cultura na prática diária. Conhecer a história do Mobiliário vai além das percepções sobre os estilos, quando se depara com as especificações técnicas e detalhamento de um projeto de mobiliário para que se transforme com eficiência nas mãos de marceneiros, carpinteiros e entalhadores. Um projeto bem-feito, com medidas e detalhes minuciosos, garante a qualidade do resultado final. Conhecer as técnicas construtivas e os materiais, os quais evoluem e adaptam-se ao tempo, espaço e sociedade garantem a perfeição do projeto e da mão de obra.

Para a produção deste texto, aplicou-se a metodologia bibliográfica fundamentada nos autores: GIORDANI, Mário Curtis (História da Grécia, 2012); HOMERO (Odisseia, 2015) e OATES, Phyllis Bennett (História do Mobiliário Ocidental, 1991) com enfoque no método, histórico e qualitativo desenvolvido na prática e na observação junto aos Museus, entre eles: *ART INSTITUTE CHICAGO*, Illinois; *LOS ANGELES COUNTY MUSEUM OF ART*, Califórnia e *THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART*, Nova Iorque.

Breve história da Antiga Grécia

No início do III Milênio a.C. na Ilha de Creta, próxima ao Mediterrâneo oriental e às ilhas do Mar Egeu, os cretenses fundaram algumas colônias como Micenas e Tirinto, no Peloponeso, e Tróia, na Ásia Menor.

Os primeiros tempos de Creta são rememorados nos poemas atribuídos à Homero²: *Ilíada* e *Odisseia*³. “O lugar e a época em que viveu Homero continuam a ser incógnitas. A própria existência do maior épico da Antiguidade foi posta em dúvida” (GIORDANI, 2012, p. 370)

“Creta é uma terra que se acha no meio do mar cor de vinho, bela e fecunda, cercada por ondas. Inúmeros homens, quase infinitos, lá moram, formando noventa cidades, com grande mescla de línguas.” (HOMERO, *Odisseia*, XIX, 172-174, 2015, p. 118)

Menos de um século depois, a civilização vigorosa e esplêndida foi arrastada por invasões sucessivas dos dórios, durante 500 anos, onde só sobraram lendas, depois da desintegração da sociedade micênica.

A história da Grécia pode ser dividida em três períodos finais: Arcaico, Clássico e Helenístico, quando a civilização grega se formou com os jônios, distribuídos pelas ilhas, e os dórios no continente, com o desenvolvimento cívico e cultural. Durante o período Arcaico, por volta do século VIII ao final do século VI a.C. foram concebidos os centros de

²HOMERO (ca. IX-VIII a.C.) é o autor dos poemas heroicos *Ilíada* e *Odisseia*. A *Ilíada* trata da guerra de Troia, Páris e Helena, mulher de Menelau, e a disputa entre Aquiles e Agamémnon, comandante dos exércitos gregos em Troia. Encerra-se com a morte e o funeral de Heitor, herói troiano.

³Sequência da *Ilíada*, a *Odisseia* relata o regresso de Odisseu à Ítaca, sua terra natal. O herói extremamente artiloso, casado com Penélope, filha de Ícaro, e pai de Telêmaco, depois de destruir a cidade de Tróia, conhece diferentes cidades e costumes. No mar luta pela vida e pelos companheiros, passando pelos mais variados tormentos. No percurso, Odisseu é recebido no palácio do rei dos Feácios, quando tem a oportunidade de contar sobre Troia e seu retorno.

cultura e comunidades organizadas. Surgiram as primeiras leis, a unificação em torno da cidade-estado e a unidade religiosa, em que se escolhiam os deuses protetores.

Através das colônias e atividades comerciais, os gregos entraram em contato com outros povos, particularmente aqueles do Mediterrâneo oriental e adotaram elementos orientais, registrados na arte, conhecido por Orientalismo.

A cidade de Esparta, colonizada pelos dórios, conservou o caráter de um acampamento militar, enquanto a cidade de Atenas foi colonizada pelos jônios, na Ática, em território montanhoso e pouco fértil, conquistando um comércio intenso pelas rotas do Mediterrâneo.

As ordens dórica e jônica foram desenvolvidas a partir do século VII a.C., e os pintores de cerâmica ateniense adotaram o estilo de figuras negras com composições narrativas sobre temas inspirados pelo passado heroico, cotidiano, rituais e jogos. A partir do século VI a.C. a cerâmica foi concebida no estilo da figura vermelha, com fundo negro.

No período Clássico, durante os séculos V e IV a.C., as cidades gregas se uniram para enfrentar o perigo externo. Os conflitos determinaram a vitória das cidades aliadas de Esparta sobre Atenas, a qual bloqueada por mar, sitiada por terra e assolada pela fome, destruiu suas fortificações, renunciando a seu império. Mas, por volta de 462-461 a.C., Péricles (ca. 494-429 a.C.) assumiu a liderança de Atenas. O século V permaneceu na história como o marco do crescimento econômico, político e militar da civilização helênica, também chamado século de Péricles. A escultura

alcançou a maturação artística e os templos dóricos⁴, pesados e austeros foram substituídos pelos templos jônicos⁵, mais leves.

No século IV a.C. a Grécia foi dominada pelos macedônios e a cultura grega se expandiu para a África e Ásia Ocidental, dando origem ao estilo Helenístico. Os templos foram levantados sob a ordem coríntia⁶.

Em 146 a.C. Roma dominou completamente a Grécia após a vitória sobre os coríntios. Sob a proteção de Roma, a cultura grega permaneceu e mesclou-se com a romana, passando a ser conhecida como greco-romana.

A arte grega caracterizou-se pela leveza, graciosidade, harmonia e equilíbrio das formas, seja na arquitetura como na escultura, no entanto, a pintura grega alcançou sua melhor fase, junto à cerâmica, retratando os costumes aliados às cenas mitológicas, as quais constituem uma importante fonte de informação sobre sua civilização.

Mobiliário da Antiga Grécia

Sabe-se que os móveis dos antigos gregos partilhavam de exemplos oriundos do mobiliário egípcio e que a alta sociedade recebia um mobiliário rico, com incrustações de nobres materiais.

⁴Exemplo máximo da Arquitetura clássica dórica, o Parthenon foi construído na Acrópole de Atenas, consagrado à deusa Atena, por volta de 448 a 478 a.C.

⁵O Erecteion, uma construção assimétrica junto a Acrópole de Atenas, representa o estilo Jônico.

⁶O Templo de Zeus Olímpico, na cidade de Atenas apresenta colunas e capiteis no estilo coríntio.

Por volta do final do século IX a.C., os textos de Homero em *Odisseia*, apresentam os “esplendores dos antigos palácios gregos” quando se refere às cobertas de lã, tapeçarias tingidas e coloridas, assim como tapetes, mantas, camas no interior dos quartos, mesas para refeição e cadeiras, móveis finamente trabalhados e decorados, no interior da residência de Odisseu. (OATES, 1991, p. 20)

No entanto, enquanto o mobiliário egípcio apresenta no decorrer de séculos uma evolução plena na execução e na decoração de seus móveis, segundo as mudanças históricas, artísticas e culturais, graças às descobertas de suas tumbas, as quais guardavam entre outras coisas os móveis e objetos decorativos, parte da história do mobiliário grego foi perdida, em decorrência dos raríssimos exemplos que resistiram ao tempo.

A partir dos exemplos encontrados nas sepulturas e templos egípcios, é possível reconhecer as inovações técnicas ao longo dos séculos da grandiosa civilização, inclusive os acabamentos aplicados nos mais diferentes modelos e funções dos móveis, entre pintura, incrustações e laminação.

Desde as primeiras dinastias egípcias, aproximadamente de 3200 a.C., cadeira, banco, mesa e arca, divãs e armações de leitos demonstram, por parte dos artesões egípcios, um alto grau de aperfeiçoamento no emprego de dobradiças, rebites, ferragens e eixos de metal e na

execução do mobiliário com as técnicas das juntas de topo⁷, das juntas de encaixe⁸; espiga⁹ e cavilha¹⁰, na fixação por meio de resina; no reforço de virolas¹¹; no arqueamento da madeira e na aplicação dos compensados e folheados e no polimento da madeira. Móveis de madeira nobre foram revestidos com lâminas finas de madeiras contrastantes, lâminas de ouro e prata, envolvidos por pintura de cores vivas, a base de minerais; com embutidos de marfim e incrustações de pedras preciosas.

É de se supor, portanto, que durante o período Arcaico e séculos depois, no que se denomina período Clássico, os gregos, que mantinham relações comerciais com o oriente tinham em suas residências, das mais simples às luxuosas, os mais belos móveis para diferentes funções. E sem dúvida, a partir do período Helenístico, com o surgimento de novas técnicas e materiais em busca de conforto, os móveis adaptavam-se

⁷Junta de topo - Dois lados que se unem em L ou T, ou através de dois lados chanfrados, reforçados com cordões de couro.

⁸Junta de encaixe - São recortes e pinos dos dois lados, interligados. A mais comum é a junta em forma de cauda de andorinha. Recebe esse nome, pois a forma lembra a cauda do pássaro. A própria forma assegura a articulação e fixação do conjunto. A resistência mecânica depende da direção das fibras da madeira.

⁹Espiga - A técnica de Espiga e Fura, também chamada Caixa, é uma das mais conhecidas e antigas em carpintaria. As peças a serem unidas formam 90° e uma vez inserida na cavidade, recebe cola ou é reforçada com prego. As forças que atuam sobre o encaixe são: compressão, cisalhamento, flexão, torção e tração.

¹⁰Cavilha - Pequena peça, normalmente cilíndrica, de madeira, utilizada como suporte e reforço na junção de montantes e estruturas.

¹¹Aro em material reforçado, a virola garante e preserva as fendas e encaixes, servindo também como ornamento.

perfeitamente ao corpo, espalhados em um ambiente decorado, cujas paredes recebiam pintura e entre as colunas, cortinas vaporosas ou pesadas.

Importante notar que as leis e costumes dos gregos, mesmo no período de grande prosperidade, visavam enriquecer os templos, teatros e edifícios públicos com o de melhor em termos de produção artística, abundância e luxo, em contraste com a vida privada, que se moldava pela simplicidade e, por vezes, pela austeridade, cujas residências eram “usadas principalmente para as refeições e para dormirem.” (OATES, 1991, p. 20)

Entretanto, por motivos os mais variados, seja pelo amplo emprego de madeiras leves como o pinho¹² e o cedro¹³, e ao que parece, a busca de uma vida mais simples nas habitações dos cidadãos comuns, a maioria do mobiliário grego produzido em torno de 800 a 300 a.C. se desfez ao longo do tempo.

Contudo, para o júbilo dos pesquisadores o que se conhece da Antiga Grécia ficou gravado na literatura, na pintura das cerâmicas e nos baixos¹⁴

¹²Madeira leve usada na fabricação de móveis e resina. Provável árvore nativa da variedade *Pinus Heldreichii*, da Europa e Mediterrâneo de solo calcário. Descrita no século XIX pelo botânico Theodor von Heldreich (1822-1902). Do gênero *Pinus*, da família *Pinaceae* e da classe *Pinopsida*.

¹³Madeira aromática, o cedro é utilizado na fabricação de móveis e resina. Provável variedade do Cedro do Líbano ou *Cedrus Libani*, madeira nativa das montanhas do Mediterrâneo. Do gênero *Cedrus*, da família *Pinaceae* e da classe *Pinopsida*.

¹⁴A forma esculpida pouco se destaca do fundo plano.

e altos-relevos¹⁵ em mármore, intactos e resistentes à degradação do tempo. Junto aos mesmos é possível reconhecer cadeiras, poltronas, bancos, mesas, arcas e leitos, com um estilo próprio.

Para os historiadores de arte, artistas e *designers*, o conhecimento acerca dos estilos é de suma importância, pois após profunda observação e cotejo, permite-se abranger o propósito da obra, derivada do artista criador e do seu meio. A esse conjunto de características dá-se o nome de estilo nacional, resultado da vontade de homens e mulheres, formadores da sociedade do seu tempo. E é na literatura que se encontra parte do passado mítico e da antiga sociedade grega descritos em fascinantes versos.

Em Odisseia, Homero apresenta a importância de homens e mulheres dentro de um lar, “pois nada é mais grato, nem mais de almejar-se, do que marido e mulher governarem, acordes, a casa, em comunhão de vontades” (HOMERO, Odisseia, VI, 182-184, 2015, p. 118)

E retrata em versos a morada de Alcínoo, rei dos Feácios¹⁶:

pois se espalhava um fulgor semelhante ao do Sol ou
da Lua
pela morada de teto elevado de Alcínoo magnânimo.
De ambos os lados, cobertos de bronze, estendiam-se
muros

¹⁵O relevo se destaca acentuadamente do fundo.

¹⁶Povo da mitologia grega, os Feácios habitariam a Esquéria, descrita em Odisseia, como uma terra de margens escarpadas, rodeada por penhascos e recifes.

desde a fachada até o fundo, encimados por friso azulado.

Portas com lâminas de ouro o palácio fechavam por dentro,
com seus batentes de prata apoiados em brônzea soleira.

Era de prata a arquitrave¹⁷, porém era o anel¹⁸ todo de ouro.

(HOMERO, Odisseia, VII, 84-90, 2015, p. 125)

Seguindo algumas poucas linhas, o poeta discorre sobre móveis, reuniões e um detalhe da iluminação no interior da casa real.

Lá se encontravam poltronas postadas ao longo dos muros,

Desde a fachada até o fundo, em fileiras; por cima das mesmas

Panos havia de fino lavor, das mulheres trabalho.

Tinham os chefes Feácios ali por costume sentar-se

Para comer e beber; os banquetes duravam todo o ano.

De ouro se viam crianças¹⁹ em cima de altares bemfeitos,

¹⁷Viga, ou trave horizontal, que repousa sobre os capitéis das colunas, a arquitrave também é chamada de lintel.

¹⁸ Faz parte das colunas chamadas de aneladas. O anel é uma espécie de filete decorativo.

¹⁹Espécie de castiçal ou candelabro formado por escultura em ouro imitando a figura de uma criança.

Sempre de pé, nas mãozinhas sustendo brilhantes
archotes,
A iluminar toda a noite o palácio, durante os banquetes.
(HOMERO, Odisseia, VII, 95-102, 2015, p. 126)

O mobiliário grego era pesado, maciço e quase sempre seguia as leis e ordens arquitetônicas, mas era plenamente adaptado às proporções humanas. O móvel de madeira recebia entalhes, incrustações e embutidos com pedras preciosas, e pintura. Além disso, eram decorados com tecido, couro e lã. Mármore, bronze, ferro, ouro e prata também fizeram parte do mobiliário. “Lá, convidou-me a sentar-me em cadeira com cravos de prata, de fino entalhe”. (HOMERO, Odisseia, X, 314-315, 2015, p. 178).

Representados na pintura de cerâmica, ainda no estilo Arcaico, por volta do século VIII ao século VI a.C., encontram-se cadeiras e bancos dobráveis e, embora sejam raros os exemplos de camas para dormir e descansar, sabe-se que existiam antes do costume de se reclinar durante as refeições, quando surgiram os leitos mais altos dispostos nos simpósios, estes sim, repletos de exemplos na pintura de cerâmicas, principalmente. Frequentado somente por homens livres, o banquete era entretido por vinho e comida servidos por escravos, durante o qual eram travados diálogos mundanos e filosóficos. A reunião social era animada com jogos, músicas e danças, por atores, músicos e acrobatas.

Os gregos apreciavam muito esse gênero de reunião e as realizavam com frequência sempre que se desse um

acontecimento digno de ser celebrado como, v.g., a chegada ou partida de um amigo, êxitos obtidos em concursos de atletas ou de poetas, festas familiares ou públicas, etc... (GIORDANI, 2012, p. 316)

Eram duas as refeições. Na primeira, chamada de convívio, eram oferecidos as carnes e os legumes. Após a farta refeição, os convidados lavavam as mãos, perfumavam-se e iniciavam o segundo festim, que era propriamente o simpósio.

Trazem-se mesas com doces e frutas: figos secos, tâmaras, amêndoas, nozes, castanhas, maçãs, peras, melancias, uvas; e em seguida, queijo, pasteis com papoila ou mel. No tempo de Aristóteles²⁰, tanto aumentara a segunda mesa, que era como um novo jantar, em que ainda se serviam caça e aves domésticas. Para estimular a sede, comem-se bolos salgados. Bebe-se muito, mas o vinho é geralmente misturado com água. (GIORDANI, 2012, p. 317)

O vinho misturado a água era preservado nas enormes e pesadas Crateras²¹ de cerâmica e retirado durante o simpósio por um escravo com

²⁰Filósofo grego, aluno de Platão (ca. 428-347 a.C.), Aristóteles (384-322 a.C.) foi professor do ainda menino Alexandre da Macedônia, o Grande (356-323 a.C.)

²¹Vaso grande e pesado de terracota para misturar vinho e água, a Cratera era colocada no centro da sala durante os simpósios. Existiam diferentes modelos ao longo do tempo: de coluna; de cálice em forma de flor; de voluta e de sino.

o auxílio do Kylix²², que era entregue ao convidado. Quem dava o ritmo ao evento era o anfitrião, chamado de *simposiarca*.

As esposas dos convidados reuniam-se em sala separada. Sentavam-se em cadeiras e, serviam-se de comida e bebida postas em pequenas mesas.

As mesas pequenas e individuais podiam ser de um único bloco ou com pés retos encaixados no tampo, como a maioria dos bancos. Mesas mais baixas eram adaptadas para ficarem sob o leito. As pernas ou suportes de camas, mesas e bancos recebiam ornamento de formas vegetais e detalhes que lembravam colunas e capiteis jônicos, com ou sem ranhuras. As pernas ainda recebiam acabamento com formas zoomórficas, entre elas, patas de cachorro e leão, pescoço e cabeça de cisne, similares aos modelos egípcios, ou a forma de pinhas, um costume do oriente.

Bancos

Nas representações dos baixos-relevos e pinturas em cerâmica, parece ter sido muito utilizado um simples banco, sem encosto para as pessoas se sentarem, mesmo em algumas festividades. O banco recebia assento reto; quatro pernas arredondadas eram encaixadas na estrutura do assento e recebiam outro encaixe reto até a base.

²²Espécie de taça grande e baixa, de terracota ou de metais, como bronze, ouro ou prata, o Kylix apresenta duas alças. Usada para retirar a bebida do interior das grandes Crateras, como para levar o líquido à boca. No interior, o fundo largo é ideal para receber as pinturas.

Porém, é bom que se diga: a forma simples, sem muitos detalhes visíveis, pode ser uma consequência do trabalho em baixo-relevo em mármore, o que pode justificar a ausência de pormenores.

A Estela funerária²³ (Fig. 1) mostra o banco com assento reto, coberto com uma fina almofada²⁴. As pernas são retas e arredondadas, como colunas, com detalhe de encaixe à meia altura. A partir desse detalhe os pés se afunilam e recebem na base uma espécie de dedal ou sapata²⁵ como acabamento. Nota-se uma travessa, recuada, usada como reforço sob o assento.

O banco mais alto exigia uma pequena banqueteta ou uma espécie de estrado para suporte dos pés, chamado de escabelo ou *sgabello*. Alguns apresentavam semelhança com um pequeno estrado de pouca altura, cobertos com peles de boi ou ovelha.

Além de servir como apoio e descanso dos pés, o escabelo também era utilizado por reis e governantes quando se sentavam em tronos com a intenção de se manter mais alto frente aos cidadãos de classe inferior. “E mostrou-lhe o escabelo, que estava debaixo da mesa, no qual os pés

²³A palavra Estela tem origem em pedra alçada ou levantada. Os arqueólogos denominaram de Estela funerária, pedras individuais e monolíticas esculpidas com figuras ou textos, nas quais se evidenciam significados simbólicos e funerários.

²⁴Estofamento, chamado de *Coxim*. Espécie de saco fechado contendo pãina, algodão, crina, ervas secas ou penas, para servir de colchão, apoio de cabeça ou assento.

²⁵Base ou ponteira, de materiais resistentes. São adicionadas aos pés ou pernas de bancos, cadeiras, camas e mesas. Além de embelezar, as sapatas têm a função de resistência, mas também servem para equilibrar e nivelar o móvel apoiado no chão irregular.

delicados pousava durante os banquetes.” (HOMERO, Odisseia, XVII, 409-410, 2015, p. 292)



Figura 1

Fragmento de uma Estela em mármore Pentélico, ca. 400-375 a.C. Alto-relevo. 87 x 71.1. Clássico tardio. Ática, Grécia. THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, Nova Iorque, EUA. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/247987> Acesso em: 05 jun. 2019.

Numerosas Estelas funerárias, pinturas em cerâmicas, baixos e altos-relevos espalhados por diferentes acervos museológicos apresentam exemplos de bancos semelhantes (Fig.1). Os assentos retos recebem

reforço e são cobertos com pele de boi ou ovelha e por finas almofadas. As pernas retas e arredondadas apresentam um encaixe à meia altura para dar maior resistência, pois não existe travessa de sustentação entre elas. Nota-se o emprego de virolas que servem de reforço junto aos encaixes. Na base, além das virolas, os pés mais afunilados recebem uma sapata de acabamento. Escabelos acompanham os bancos. Importante destacar que, a representação destes e a aplicação da técnica relativa à carpintaria ficam restritas à técnica aplicada nas representações artísticas.

O banco com pés cruzados²⁶ ou pés em X era comum e usado por toda classe social. Existem exemplos desde o Período Arcaico.

O mesmo modelo de banco poderia ser dobrável²⁷ facilmente transportável, semelhante aos bancos dobráveis usados no Egito antigo, inclusive com a utilização de pés zoomórficos como detalhe das pernas e assento de couro.

No entanto, por uma questão de estilo, o banco em X grego se difere do egípcio quanto aos montantes, fixação e união das pernas. No banco egípcio o cruzamento se dá pela frente e atrás, nos bancos gregos o cruzamento é pelas laterais. A estabilidade do banco grego é proporcionada pela imitação de patas de animal viradas para dentro.

²⁶Os bancos em X, sem encosto eram chamados *Diphros*.

²⁷Os bancos em X dobráveis eram chamados *Diphros okladias*. Os gregos desenvolveram bancos em X das mais variadas formas e foram provavelmente os primeiros a fazer a estrutura entrelaçada com ripas de madeira. Existem exemplos em relevos do período cretense e egípcios.

Nota-se nos detalhes dos encaixes e na decoração das pernas, com filetes e virolas de bronze, a influência dos bancos egípcios (Fig. 2).



Figura 2

Detalhe. Ânfora²⁸ em Terracota, ca. 530 a.C. Atribuído ao Pintor Lysippides. Pintura. Figura negra. 48.2 de altura. Período Arcaico. Ática, Grécia. THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, Nova Iorque, EUA. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/256607> Acesso em: 05 jun. 2019.

²⁸Com a forma ovoide e duas alças, a Ânfora apresenta duas alças para o transporte. A parte inferior apresenta uma base de menor circunferência. Era usada para conter vinho, água, azeite ou mel.

Tronos

“Sobre as cadeiras e tronos os mantos custosos deixaram. ” (HOMERO, Odisseia, XIX, 179, 2015, p. 286)

Contidas em palácios e templos²⁹, a cadeira de encosto alto e reto com braços, chamada de *thronos* recebia rica decoração, com incrustação de pedras preciosas, embutidos de marfim, torneados e aplicação de bronze, ouro ou prata. Mais alta do que as medidas atuais, necessitava de um escabelo para apoio dos pés. “Para o salão me levou, onde o trono de prata me oferta, de fino entalhe, e escabelo por baixo dos pés me coloca.” (HOMERO, Odisseia, X, 366-367, 2015, p. 179)

Os raros exemplos em alto-relevo mostram que as pernas são retas e redondas, com encaixe para reforço na meia altura. Na base, além das virolas, os pés mais afunilados recebem uma sapata de acabamento, similares aos bancos sem encosto.

Considerada uma cadeira cerimonial era destinada aos deuses, nobres, sacerdotes e altos funcionários. No entanto, as residências de alta classe também as possuíam.

Desce, entrementes, do quarto de cima a sensata
Penélope³⁰,

²⁹Tronos vazios permaneciam no interior dos templos para os deuses se sentarem. No Santuário de Apolo *Amyklaios*, em Amyklai no Peloponeso, ao sul de Esparta, foi encontrado um *thronos* executado como um altar. O trono colossal decorado com motivos dóricos e jônicos é atribuído a Bathykles, um artista de Magnésia, na Ásia menor.

³⁰ Esposa de Odisseu, aguardava, ansiosa, seu retorno para o palácio em Ítaca.

a Ártemis³¹ mui semelhante e a Afrodite³², no porte e esbelteza.

Junto do fogo a poltrona torneada já havia deixado, em que ela sempre ficava, de prata e marfim, que há bem tempo

o fabro³³ Icmálio construía, assim como o escabelo bem-feito,

para que os pés repousassem, de velo macio provido.

(HOMERO, Odisseia, XIX, 53-58, 2015, p. 312)

Cadeiras

Cadeiras já existiam no tempo de Homero, ou seja, por volta do século XIX ou XVIII a.C.

“Uma cadeira nos traze aqui, Eurínoma, e a cobre com velo,

para que possa o estrangeiro assentar-se e escutar o que digo,

e responder-me, que muitas perguntas pretendo fazer-lhe.”

Isso disse ela, apressando-se a escrava a trazer a cadeira

³¹Filha de Zeus e Leto, irmã de Apolo a bela deusa da caça Ártemis é chamada de Diana pelos romanos.

³²Filha de Urano, quando seu sêmen caiu nas ondas do mar, segundo Hesíodo. Filha de Zeus e Dione, segundo Homero, a deusa do amor e da beleza, Afrodite é chamada de Vênus pelos romanos.

³³Seria chamado atualmente de designer.

Bem-torneada, por cima da qual estendeu um bom velo.
(HOMERO, Odisseia, XIX, 97-101, 2015, p. 314)

Pode-se imaginar que as cadeiras seguiam as formas e estilo descritos nos exemplos dos bancos, aos quais eram acrescentados encostos retos, um tanto desconfortáveis. Mas, com a evolução técnica aplicada à carpintaria, surgiu a forma mais bela entre o mobiliário grego: a cadeira sem braço chamada de *Klismos*.

Muito popular, a cadeira *Klismos* foi usada, segundo os exemplos, tanto na pintura de cerâmicas como nos altos e baixos-relevos, a partir do final do Período Arcaico. Confortável, com curvas elegantes e bela proporção, a *Klismos* apresenta espaldar alto e curvo com travessa no centro encerrado na parte superior por uma placa retangular arqueada, que acomodava as costas. Com pernas dobradas para fora em forma de sabre nos dois sentidos, para frente e para trás, o assento, recebia tiras de couro trançado, coberto por almofadas ou macias peles de boi ou de ovelha. Na *Klismos* foram aplicados encaixes, juntas, reforço com cavilhas no encontro do assento com as pernas e rebites³⁴ decorados com cravos de prata ou ouro. Quando os gregos descobrem a arte de moldar e arquear a madeira maciça, surge a bela cadeira, de extrema beleza e conforto, usada e apreciada por mulheres e homens (Fig. 3 a 5)

³⁴Pequeno metal cilíndrico introduzido em um furo, de tal modo que a extremidade sobressaia e possa formar uma cabeça rebatida e plana. Os rebites são empregados para unir peças e reforçar as juntas.



Figura 3

Interior do Kylix de Terracota, ca. 480-470 a.C. Atribuído a Douris. Pintura. Figura vermelha. 11.1 cm de diâmetro. Um jovem e um adulto. Período Clássico, Ática, Grécia. THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, Nova Iorque, EUA. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/254696> Acesso em: 12 jun. 2019.



Figura 4

Detalhe. Fragmento de um Lekythos³⁵ funerário. Por volta do século IV a.C. Baixo-relevo. Atribuído ao Mestre Demagora. Halai Aixonides, Atenas, Grécia. ART INSTITUTE CHICAGO, Illinois, EUA. Disponível em <https://www.artic.edu/artworks/198468/fragment-of-a-funerary-lekythos-monument-in-the-shape-of-an-oil-jar?q=Greek%20Art> Acesso em: 05 jun. 2019.

Figura 5

Detalhe. Estela em Mármore. Ca. 375-350 a.C. Alto-relevo. Clássico tardio. Ática, Grécia. THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, Nova Iorque, EUA. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/255019> Acesso em: 12 jun. 2019.

³⁵Vaso grego funerário de pescoço fino utilizado para armazenar óleos perfumados.

Camas

Existiram, sem dúvida, na Antiga Grécia, camas semelhantes às que são encontradas até os dias atuais, inclusive com medidas similares, em diferentes residências e espaços públicos.

Um relevo votivo em Mármore³⁶, encontrado no Santuário de *Amphiaraos*³⁷ em Oropos, do período Clássico, por volta de 400-350 a.C., representa a cura de um paciente deitado sobre uma cama com medidas similares às camas de cerca de 45 cm. de altura.

A antiga literatura aponta que ao relento os homens deitavam-se sobre amontoados de folhas secas, cobertas pelas roupas ou peles amontoadas no chão.

Tendo isso dito, levanta-se e junto do lume prepara
leito para ele, provendo-o com peles de cabras e
ovelhas.

Nele Odisseu se deitou; põe-lhe um manto por cima o
porqueiro,
grosso e bem grande, que para trocar sempre tinha
guardado,
para vestir, quando o inverno demais rigoroso chegasse.
(HOMERO, *Odisseia*, XIV, 518-522, 2015, p. 247)

³⁶Acervo do NATIONAL ARCHAEOLOGICAL MUSEUM OF ATHENS, em Atenas na Grécia.

³⁷O oráculo de *Amphiaraos* na cidade de Oropos, na costa da Ática, utilizava uma espécie de incubadora, onde o paciente dormia, acreditando ver durante o sono o caminho da cura.

Embora raríssimos exemplos, as camas ficavam em quartos reservados ou eram colocadas em espaços acolhedores, por ventura para os hóspedes da residência. “Sobe Telêmaco³⁸ para o seu quarto no esplêndido pátio, onde lhe haviam construído aposento em lugar bem aberto”. (HOMERO, Odisseia, I, 425-426, 2015, p. 41)

Essas camas acolhedoras, de madeira maciça com fino e belíssimos entalhes recebiam ornamentos os mais variados. “Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina, alça-se o filho do divo Odisseu de seu leito lavrado.” (HOMERO, Odisseia, II, 1-2, 2015, p. 45)

Formada, comumente, por uma estrutura reforçada por barras, a qual recebia um estrado fixo, constituído por trançado de fibra³⁹ ou couro, era elevada por pernas resistentes, troncos ou mesmo alvenaria. Por cima do estrado, peles ou uma espécie de colchão propiciavam conforto. “Mas ide, servas, lavar o estrangeiro e um bom leito aprestai-lhe, com bons colchões e cobertas, assim como mantos brilhantes.” (HOMERO, Odisseia, XIX, 317-318, 2015, p.319)

Fez no vestíbulo o leito Odisseu, sofredor de trabalhos;
por baixo pôs uma pele de boi, não curtida, cobrindo-a
com muitas peles de ovelhas, que os moços Aqueus
imolaram.

³⁸Filho de Odisseu e Penélope, o jovem Telêmaco viaja em busca de notícias do pai, que ainda não retornou da guerra de Troia.

³⁹Constituídas por fios de cipó trançados com filamentos de vime, a resistência das fibras alcançava um excelente resultado.

Um manto Eurínoma deita por cima do herói em repouso.

(HOMERO, Odisseia, XX, 1-4, 2015, p. 329)

No entanto, o que se encontram de exemplos nas mais diferentes superfícies, sejam pinturas sobre as cerâmicas ou nos baixos-relevos, são os altos leitos chamados de *Klinai*⁴⁰.

Presente nos simpósios junto às classes mais abastadas, o *Kline* podia ser de madeira, bronze, ou até mesmo inteiramente de mármore, com incrustações de metais e pedras preciosas. Os leitos recebiam armação confortável para se conversar e se reclinar durante as refeições ou banquetes oficiais, com a presença somente de homens.

Em Giordani (2012, p. 317) os "atores, tocadores de flauta e acrobatas proporcionavam aos comensais verdadeiros espetáculos." E eram acompanhados ainda de cantos ao som de liras, que ficavam penduradas nos ganchos presos às paredes disponíveis à altura das mãos.

"As mulheres livres eram rigorosamente afastadas dos banquetes. No século de Péricles só encontramos o elemento feminino nessas reuniões com a finalidade de distrair os convivas como músicas, como dançarinas ou ainda como cortesãs." (GIORDANI, 2012, p. 317)

⁴⁰Do grego *klino*, o alto leito tinha a função de reclinar, repousar ou se alimentar recostado. O *Kline* ou *Klinai*, no plural, eram organizados pelos etruscos e romanos em grupo de três, em forma de U, durante os encontros chamados de *triclinium*, quando os convidados se inclinavam durante as refeições.

O leito recebia lençóis de linho perfumados sobre as peles de boi ou ovelha dispostas sobre a estrutura. Almofadas sustentavam as costas do ocupante.

Cenas de simpósios foram assunto popular na pintura dos vasos de cerâmica utilizados para tais ocasiões, na Grécia antiga (Fig. 6).



Figura 6

Detalhe. Cratera de Terracota, por volta do século V a.C. Pintura. Figura vermelha. 39,37 de altura. Cena de simpósio. Atenas, Grécia. Gift of Robert Blaugrund (M.82.77.10) LOS ANGELES COUNTY MUSEUM OF ART, California, EUA. Disponível em: <https://collections.lacma.org/node/243823> Acesso em: 10 jun. 2019.

A cama executada, geralmente, em madeira ou bronze recebia rico adorno. As pernas do lado da cabeceira continuavam, geralmente, acima do estrado, com ou sem volutas.

As armações laterais recebiam um estrado fixo formado por tiras de couro cruzadas ou fibra trançada. Sobre ele um colchão de crina, forrado com peles de boi ou ovelha, ou uma espécie de manta de lã grossa ou linho.

Para comer, os homens apoiavam-se em pesadas e grossas almofadas resistentes recheadas com ervas secas ou lã. Algumas forradas com “tecidos ricamente decorados de lã ou de linho, os quais podiam ser perfumados antes das reuniões.” (OATES, 1991, p. 24)

Sob os leitos, ou logo à frente na lateral, ficavam pequenas e delicadas mesas de apoio. Essas mesas de apoio podiam ser de madeira ou bronze, com altura suficiente para receber alimentos e taças de vinho, ao alcance das mãos, mas de tal forma que pudessem ser recolhidas, se necessário, sob o leito.

Os ambientes fechados, compartilhados somente por amas e servas fiéis da residência, guardavam as camas em que casais compartilhavam as relações, “de noite, porém, junto às castas esposas dormem em leitos de entalhe finíssimo e moles tapetes.” (HOMERO, *Odisseia*, X, 11-12, 2015, p. 169)

Odisseu descreve o leito do casal, materializado a partir do grosso tronco de uma antiga oliveira, que crescera no pátio ao lado do seu palácio em Ítaca, na Grécia.

À volta dele elevei minha câmara, até vê-la pronta,
toda de filas de pedras e um teto bem-feito por cima.
Sólidas portas lhe pus, trabalhadas com muito carinho.
Só depois disso cortei a folhagem da grande oliveira,
e o tronco todo lavei, desde baixo, alisando-o com
bronze,
muito habilmente, tomando as medidas de tudo com fio,
para em um pé transformá-lo, da cama, furando-o com
trado⁴¹.

Desse começo construí toda a cama, até vê-la concluída,
pondo-lhe vários enfeites de prata, marfim e ouro puro,
e distendendo umas tiras de couro, de brilho purpúreo.
(HOMERO, Odisseia, XX, 192-202, 2015, p. 376)

Mesas

Apreciado pelos antigos gregos, os tripés ou Trípodés⁴² produzidos em bronze, ouro ou prata, eram utilizados para suporte de oferendas, apoio de grandes crateras e como bancos sagrados, usados pelas pitonisas para realizar as profecias nos oráculos⁴³.

⁴¹Elemento destinado à perfuração de madeira espessa em locais de difícil acesso por meio de movimentos giratórios.

⁴²Apoio, mesa ou banco, vem de *Tripous*, que significa três pés.

⁴³Associado ao oráculo de Delfos na Antiga Grécia e ao deus Apolo.

As peças eram consideradas como verdadeiras joias e enfeitavam o interior das residências de alto padrão. “A Menelau⁴⁴ dera Pólipo um par de banheiras de prata, tripodes duas e mais dez talentos, também de ouro puro.” (HOMERO, *Odisseia*, IV, 128-129, 2015, p. 76-77)

No interior dos lares, as mesas podiam ser grandes e acolhedoras. “Sempre eles todos à mesa se sentam, do pai sempre ao lado e da prudente consorte; iguarias sem conta lhes servem.” (HOMERO, *Odisseia*, X, 8-9, 2015, p. 169)

Pequenas e delicadas mesas acompanhavam os leitos em apoio às refeições, enquanto duravam os simpósios. De madeira ou bronze as mesinhas apresentavam altura suficiente para receber alimentos e taças de vinho, ao alcance das mãos, mas podiam ser recolhidas sob o leito, se necessário.

Além das mesas próprias para acompanhar o *Kline*, existiam outras pequenas mesas distribuídas no interior das residências. “Dentro da sala magnífica, junto à soleira de pedra, onde pusera uma mesa pequena e um banquinho” (HOMERO, *Odisseia*, XX, 259, 2015, p. 336)

Derivadas do tripé, algumas mesas apresentavam três pernas⁴⁵, solução perfeita para pisos irregulares. A mesa (Fig. 7) de metal mostra pernas e detalhes delicados.

⁴⁴Marido de Helena, Menelau lutou contra os troianos na Guerra de Troia, ao lado do irmão, Agamemnon, rei da Grécia.

⁴⁵Mesa retangular com três pernas, a Trapeza, similar ao Tripode, resolve o problema de oscilação junto ao piso.

A pequena mesa (Fig. 8) apresenta reforço tanto abaixo do tampo, como entre as pernas, que terminam com uma sapata. Digno de nota é o recuo das pernas em relação ao tampo⁴⁶.



Figura 7

Detalhe. Pelike⁴⁷ de Terracota, ca. 520 a.C. Pintura. Figura negra. 30,7 cm de altura. Período Arcaico. Ática, Grécia. THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, Nova Iorque, EUA. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/255272> Acesso em: 14 jun. 2019.

Figura 8

Detalhe. Hydria⁴⁸ em Terracota, ca. 430-420 a.C. Pintura. Figura vermelha. 23,6 cm. de altura. Período clássico. Ática, Grécia. THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, Nova Iorque,

⁴⁶O recuo de montantes ocasiona o que se chama de balanço na estrutura superior.

⁴⁷Similar à Ânfora, o Pelike apresenta uma barriga e boca mais larga.

⁴⁸Com o gargalo mais estreito que a Ânfora, a Hydria apresenta três alças.

EUA. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/253078> Acesso em: 14 jun. 2019.

Caixas

Armários eram inexistentes. As roupas usadas eram penduradas em ganchos nas paredes ou, simplesmente, eram depositadas sobre as cadeiras.

Abre Telêmaco a porta do quarto de forte feitura,
Senta-se logo no leito e, a seguir, despe a túnica fina e
para os braços a joga da velha de sábios conselhos.
Esta, tomando a túnica, dobra-a com todo o cuidado e a
dependura
No gancho do lado do leito crivado.
(HOMERO, Odisseia, I, 436-440, 2015, p. 41)

As caixas⁴⁹ e cestos de madeira podiam ser pequenos, para a guarda de acessórios ou delicadas roupas íntimas, como enormes para a guarda do enxoval, túnicas e mantas.

As caixas eram finamente esculpidas e decoradas de todos os lados com embutidos de ouro e marfim. “Já no interior duma caixa polida se encontram depostas as roupas do hóspede todas, bem como o ouro fino

⁴⁹Baús, cestos, arcas e urnas são denominações semelhantes para as caixas que guardam objetos e roupas.

lavrado e os mais presentes” (HOMERO, *Odisseia*, XIII, 10-12, 2015, p. 219)

Algumas arcas apresentavam pernas mais altas para um maior conforto na guarda e retirada das roupas. “Foi para junto das arcas Helena, pejada de roupa, nas quais os mantos bordados se achavam, seu próprio trabalho. ” (HOMERO, *Odisseia*, XV, 104-105, 2015, p. 252)

Mulheres lavam as roupas junto à fonte d’água e depois as recolhem em pequenos cestos de madeira finamente decorados. O detalhe das pernas que se prolongam indica que as caixas, provavelmente, ficavam no chão (Fig. 9).



Figura 9

Hydria em Terracota, ca 360-350 a.C, Atribuído ao Pintor Iliupersis. Pintura. Figura vermelha. 53 × 41.2 × 34.2. ART INSTITUTE CHICAGO, Illinois, EUA. Disponível em: <https://www.artic.edu/artworks/102082/hydria-water-jar?q=Hydria%20Greek&page=2> Acesso em: 05 jun. 2019.

Entre as principais funções da mulher grega, além de procriar e cuidar da casa era o trabalho da fiação que incluía a roca e os cestos de linha, mobiliário obrigatório em todo lar, independente da classe social.

A mulher fez presentes a Helena, mui belos:

de ouro uma roca, e um cestinho⁵⁰ provido de rodas por baixo,
todo de prata; mas de ouro batido eram feitas as bordas.
Filo, a servente zelosa, o cestinho lhe traz, colocando-o,
logo, ao seu lado, repleto de fio torcido; por cima
põe uma roca, de lá carregada de cor de violeta.
Senta-se Helena em poltrona provida de um belo
escabelo
(HOMERO, Odisseia, IV, 130-136, 2015, p. 77)

Conclusão

O gosto artístico, as formas projetadas por *designers* e a prática aliada à capacidade técnica dos marceneiros e carpinteiros ao longo do tempo demonstram a importância da História do mobiliário, aqui particularmente exposta em um recorte sobre os antigos gregos.

Exemplos, os mais variados, derivados dos antigos móveis desenvolvidos na Antiga Grécia apareceram ao longo da história ocidental e alguns são encontrados nos dias atuais, com a devida integração e evolução tecnológica.

Bancos, mesas e camas, pouco se alteraram em termos de desenho e forma, adaptados ao maior conforto a partir do Estilo Barroco e Rococó, à industrialização, à produção em massa e às mudanças do gosto estético.

⁵⁰O pequeno cesto para linhas era chamado de açafate.

Digno de nota, nesse caso é a mesinha com três pernas, que seguem sendo produzidas, nos mais diferentes estilos.

Mas, o melhor exemplo, de que o conceito de criatividade se apoia em conhecimento teórico, gosto e sensibilidade, mediante a experiência técnica e prática, se encontra no modelo de uma cadeira grega, que se faz presente e encanta pela forma, conforto e beleza até os dias atuais: a cadeira *Klismos*, de espaldar arqueado para apoio das costas e pernas dobradas para fora em forma de sabre nos dois sentidos, para frente e para trás.

Desenvolvida e incorporada aos estilos Império francês e Regência inglesa, no século XIX, a *Klismos* permite sempre se renovar e enfeitar as residências, ao longo dos estilos históricos, executada, entre os mais diferentes e práticos materiais, como: madeira, alumínio e acrílico, com pequenas variações na forma.

É notável, portanto, verificar que as residências e os móveis de hoje se aproximam do habitat e das formas vivenciadas há milhares de anos, quanto aos atos de sentar, descansar e se apoiar, assim como a integração do convívio íntimo com o grupo social.

Além de todas as ferramentas e máquinas criadas a partir da primeira e segunda Revolução Industrial, em que se permitiu a produção mais rápida e eficiente dos móveis, e, também, a inclusão de sistemas eletrônicos e controle de produção na terceira, a quarta Revolução trouxe novas tecnologias, como a impressão 3D, robótica e Inteligência Artificial (AI).

Esses instrumentos aumentam a produtividade, necessários, sem dúvida, no século XXI, mas somente com conhecimento prévio e experiência é possível realizar novos projetos, avançar com competência, empregar os novos mecanismos e ampliar o processo criativo em busca de conforto aliado à sensibilidade estética nas diferentes sociedades.

Referências

ARCHAEOLOGICAL MUSEUM OF DELPHI, Delfos, GR. Disponível em: <https://ancient-greece.org/museum/muse-delphi.html> Acesso em: 30 mai. 2019.

ART INSTITUTE CHICAGO, Illinois, EUA. Figura 4. Domínio Público. Disponível: em <https://www.artic.edu/artworks/198468/fragment-of-a-funerary-lekythos-monument-in-the-shape-of-an-oil-jar?q=Greek%20Art> Acesso em: 05 jun. 2019.

_____. Figura 9. Domínio Público. Disponível em: <https://www.artic.edu/artworks/102082/hydria-water-jar?q=Hydria%20Greek&page=2> Acesso em: 05 jun. 2019.

BLAKEMORE, Robbie G. **History of Interior Design and Furniture**: From Ancient Egypt to Nineteenth-Century Europe. Hoboken, NJ, USA: J. Wiley & Sons, 2006. 448 p.

BONNARD, André. **A civilização Grega**. Tradução José Saramago. São Paulo: Almedina Brasil, Edições 70, 2007. 760 p.

- BRUNT, Andrew. **Guia dos Estilos de Mobiliário**. 2. ed. Lisboa: Habitat, 1990. 256 p.
- CALADO, Margarida; SILVA, Jorge Henrique Pais da. **Dicionário de Termos da Arte e Arquitectura**, Lisboa: Editorial Presença, 2005. 400 p.
- CALATAYUD C. Bartolomé et al. **Glosario de carpintería ebanistería para Escuelas Taller**. Valencia, España: Servef-Paterna, 2006. 136 p.
- FATAS, Guillermo; BORRAS, G.M. **Diccionario de Terminos de Arte**: El Vocabulario Especifico de la Escultura, la Arquitectura Y las Artes Decorativas. Madrid: Alianza Ediciones Prado, Biblioteca Tematica Alianza, 1990. 307 p.
- GIORDANI, Mário Curtis. **História da Grécia**: Antiguidade Clássica I. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 639 p.
- GLERUM, Jan Pieter. **Meubelen**. Den Haag, Holanda: Tirion-Baarn, 1995. 192 p.
- GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2000. 714 p.
- HAUSER, A. **História Social da Literatura e da Arte**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 1032 p.
- HOMERO. **Odisseia**. Tradução Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 424 p.
- JAEGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. Tradução Artur M. Parreira. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. 1456 p.
- JANSON H. W. **Iniciação à História da Arte**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 480 p.

JANSON H. W. **História da Arte**. 5. ed. Tradução J. A. Ferreira de Almeida; Maria Manuela Rocheta Santos. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 823 p.

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos estilos arquitetônicos**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 1994. 230 p.

LÉVÊQUE, Pierre. **A Aventura Grega**. Tradução Raúl Miguel Rosado Fernandes. Rio de Janeiro: Edições Cosmos, 1967. 653 p.

LITCHFIELD, Frederick. **Illustrated History of Furniture: From the Earliest to the Present Time**, 1893. Project Gutenberg EBook, 2004. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/12254/12254-h/12254-h.htm>. Acesso em: 11 jun. 2019.

LOS ANGELES COUNTY MUSEUM OF ART, California, EUA. Figura 6. Domínio Público. Disponível em: <https://collections.lacma.org/node/243823> Acesso em: 10 jun. 2019.

MARTINI, Fátima R. Sans. História do Mobiliário: Egito Antigo. **Universitas: Arquitetura e Comunicação Social**, v. 13, n. 1, p. 11-24, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/arqcom/article/view/4100> Acesso em: 05 jun. 2019.

MONTENEGRO, R. **Guia de história do mobiliário**. Lisboa: Editorial Presença, 1995. 192 p.

NATIONAL ARCHAEOLOGICAL MUSEUM OF ATHENS, Atenas, GR. Relevô votivo em Mármore. Encontrado no Santuário de Amphiaraos em Oropos.

Disponível em: <https://www.namuseum.gr/en/collection/klasiki-periodos-2/> Acesso em: 10 jun. 2019.

OATES, Phyllis Bennett. **História do Mobiliário ocidental**. Lisboa: Presença, 1991. 239 p.

PAUSANIAS. **Voyage historique, pittoresque et philosophique de la Grèce**. Traduction française M. Clavier. Paris, França: [s.n.], 1821.

Disponível em: <http://remacle.org/bloodwolf/erudits/pausanias/table.htm> Acesso em: 05 jan. 2019.

SNELL, Bruno. **Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu**. Tradução Perola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2012. 352 p.

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, Nova Iorque, EUA. Figura 1. Domínio Público. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/247987> Acesso em: 05 jun. 2019.

_____. Figura 2. Domínio Público. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/256607?&searchField=All&ft=Greece&offset=1360&rpp=40&pos=1363> Acesso em: 05 jun. 2019.

_____. Figura 3. Domínio Público. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/254696> Acesso em: 12 jun. 2019.

_____. Figura 5. Domínio Público. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/255019?&searchField>

=All&ft=Greece&offset=1400&rpp=40&pos=1407 Acesso em: 12 jun. 2019.

_____. Figura 7. Domínio Público. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/255272> Acesso em: 14 jun. 2019.

_____. Figura 8. Domínio Público. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/253078?&searchField=All&ft=Greece&offset=1800&rpp=40&pos=1825> Acesso em: 14 jun. 2019.